

A nova ambição dos Catarinos

Grupo de Cantanhede diversifica e quer tornar-se operador global na renovação e decoração de interiores

Póvoa Dão, a aldeia medieval de Viseu recuperada para o turismo depois de ter sido riscada do mapa, seduz turistas de toda a Europa e tem sido tema de programas de televisão um pouco por todo o mundo. Por trás deste exemplo feliz de recuperação do património está um grupo familiar com raiz na construção — o grupo Catarino — que enceta agora um ambicioso programa de diversificação de negócios e mercados.

A meta é, em 2012, atingir uma facturação que duplique a registada em 2008 (€82 milhões), com o sector da construção a perder peso. O grupo quer tornar-se um operador global na renovação e decoração de interiores e na sua cruzada de diversificação elegeu a agricultura biológica como um dos factores de crescimento.

O turismo de aldeia é um emblema na lapela do universo empresarial, mas a experiência não é para repetir. A vocação turística pode, todavia, ser reforçada com projectos de ecoturismo, numa lógica de biodiversidade que sustenta uma das quatro cadeias de valor em que o grupo opera.

Vitor Catarino, que reparte com o irmão Jorge a condução dos negócios, não disfarça o orgulho pelo projecto de Póvoa



Vitor Catarino em Póvoa Dão, aldeia que o seu grupo recuperou para o turismo FOTO RUI QUARTE SILVA

Dão. Os dois irmãos são representantes da terceira geração de um grupo que nasceu a partir de uma pequena serração e mantém ainda a fileira florestal. A família não tinha ligações a Póvoa Dão e tentou-se pelo desafio sentimental da recuperação do património. Mas, a obra "exigiu um esforço demastado violento". "É mais fácil construir

mil casas numa cidade do que recuperar 32 num vale perdido do Dão", afirma Vitor Catarino.

Construir casas e obras rápidas são duas das coisas que a sua construtora melhor sabe fazer. Com 55 engenheiros (em 220 funcionários) a construtora estendeu a operação ao mercado espanhol, arrastada por

BES. A sua carteira já inclui clientes espanhóis — este ano conta facturará €5 milhões. A nova ofensiva centra-se em França, combinando o factor residencial com a vocação hoteleira. E é das raras que não ambiciona entrar em Angola. "Calcula-se que a Grande Paris precise de um milhão de fogos, o que traduz uma excelente oportu-

PÓVOA DÃO, DESDE 1258

■ Aldeia tem 120 hectares, uma margem de 2,5 km com o rio e é atravessada por uma estrada romana. As 32 casas do núcleo central foram recuperadas. 18 foram vendidas. Restam 35 em ruínas espalhadas pela aldeia

■ O casal José e Mercinda Soares, 82 anos, resistiu à debandada geral. Os cinco filhos tinham emigrado. Foi alojado numa das casas recuperadas

■ O grupo Catarino comprou a aldeia, em 1995, à família Santos Lima e sofreu para aprovar o projecto com lógica pública e privada. Aplicou €4 milhões na recuperação

rinotel de Vilamoura e unidades de redes internacionais, como as do grupo Accor. A sua acção já se estendeu à Catalunha, com o Rafael Hoteles e Hotusa, em Barcelona.

Paris funcionará como placa giratória para operar na Europa, Médio Oriente e África e adquirir o carácter de operador global. Este é o negócio de crescimento mais acelerado, estimando-se que passe de €4 milhões (2008) para €31 milhões (2012). Na decoração, o grupo beneficia da experiência da sua unidade de mobiliário e de uma equipa de designers que lhe permite falar a linguagem dos arquitectos.

Os negócios estão agora organizados em quatro cadeias de valor. Uma delas — o desenvolvimento sustentável — incorpora os negócios da floresta e da agricultura biológica. No princípio, foi uma experiência de quatro hectares que se expandiu para 15, entre produção hortícola e pomar. A intenção é, em dois anos, atingir os 100 hectares. A aposta mais recente é no *trading* alimentar. Por exemplo, comprar arroz na China e exportar vinho de mesa. Este mês expediu 25 mil garrafas de um produtor do Alentejo.

ABÍLIO FERREIRA
aferreira@expresso.imprensa.pt